

LAMPEJOS DE MEMÓRIA NA TRAMA DA HISTÓRIA: SOBRE UM CERTO MODO DE ENUNCIAR A POBREZA

Francisco Vieira da Silva
Doutorando em Linguística (UFPB)
franciscovieirariacho@hotmail.com

Claudemir Sousa
Mestrando em Linguística (UFPB)
claudemir201089@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, pretendemos compreender um modo singular por meio do qual são produzidos enunciados acerca da pobreza. Para tanto, voltamos nossa atenção para uma postagem que circulou na rede social *Facebook*, cuja autoria é de um sujeito identificado como Ailton Alves. Concebida como objeto de discurso, a pobreza é atravessada pela descontinuidade da história, provocando retomadas de determinados modos de enunciá-la, nos movimentos da memória, que delimita a circulação do discurso. Tendo isso em vista, procuraremos descrever a rede de formulações que essa postagem mobiliza, na qual podemos inscrever a pintura *Os retirantes*, de Cândido Portinari, e a obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, as quais retratam a pobreza do sujeito retirante do sertão nordestino, inserindo-se, assim, em um domínio associado de enunciados sobre a pobreza e os sujeitos marginalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, Enunciado, Memória, Pobreza.

ABSTRACT

In this article, we aim to understand a singular manner in which statements about poverty are produced. For that, we will turn our attention to a post that circulated on the social network *Facebook*, whose authorship is from a subject identified as Ailton Alves. Designed as an object of discourse, poverty is crossed by the discontinuity of the history, causing resume of certain forms of pointing it out in the memory movements, which borders circulation of discourse. With this in view, we will describe the network of formulations that this post mobilizes, in which we can enroll the painting *Os retirantes*, by Candido Portinari, and the book *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos, which depict the poverty of migrant subjects of the northeastern backlands, inserting itself, so, in an associated domain of statements about poverty and marginalized subjects.

KEYWORDS: Discourse, Statement, Memory, Poverty.

Graças ao trabalho de memória, completado pelo do luto, cada um de nós tem o dever de não esquecer, mas de dizer o passado, de um modo pacífico, sem cólera, por muito doloroso que seja (Paul Ricoeur).

Considerações Iniciais

Os vários matizes que compõem a chamada Análise do Discurso, em que pesem as diferentes idiossincrasias que os caracterizam, parecem apontar para uma dada regularidade: o fato de todo discurso remeter a já-ditos, a discursos outros, os quais são realocados em cada manifestação enunciativa, mediante uma memória. É, portanto, a memória que demarca o funcionamento do discurso, na medida em que o dota de uma dada inscrição na rede da história. Nos termos utilizados desde as investigações de Courtine, nos anos de 1980, a memória discursiva irrompe na atualidade de um acontecimento, de modo a produzir diversos efeitos de sentido, desde uma possível atualização até um deslocamento nas filiações históricas.

Assim, ensejamos, neste texto, ao trabalharmos o conceito de memória discursiva e outras noções que a ele se interliga, a partir dos estudos de Foucault (2008), Courtine (2009) e Pêcheux (1999) no tratamento discursivo de uma dada materialidade, compreender os modos, por meio dos quais, produzem-se discursos singulares acerca da pobreza. Nesse intento, nossas atenções direcionam-se sobre uma postagem que circulou no *Facebook*, cujos efeitos de sentido nos remetem a outras formulações inscritas numa rede enunciativa que procuraremos descrever.

Desenhando um quadro teórico-analítico

Nossa perspectiva de estudos em AD compartilha com a arqueológica de Foucault (2008) a preocupação com as condições históricas de existência dos discursos, entrecruzando-a com as problematizações de Courtine (2009) e Pêcheux (1999). Antes de adentrarmos às nossas análises, gostaríamos de fazer um percurso teórico por três conceitos operatórios para este trabalho, mobilizados dos escritos dos autores supracitados, quais sejam: enunciado, formação discursiva (FD) e memória.

No que tange à noção de enunciado, Foucault (2008) o diferencia de três elementos da língua: preposição, frase e ato de fala. O enunciado, para esse autor, não está sujeito às regras do verdadeiro ou falso; não é uma estrutura linguística; nem tampouco visa à intenção de um indivíduo falante ou a um resultado alcançado. Para Foucault (2008, p. 96), “a língua só existe a título de sistema de construção para enunciados possíveis”.

O enunciado possui uma singularidade de existência, pois não é nem inteiramente linguístico, nem exclusivamente material, mas possui uma importância fundamental para que se diga se há ou não proposição, frase ou ato de linguagem. O enunciado é uma função de existência “que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (FOUCAULT, 2008, p. 98).

Essa função enunciativa é caracterizada por quatro elementos que nos possibilitam considerar um conjunto de signos como um enunciado: primeiramente, sua relação com um elemento a que se refere, ou seja, o enunciado possui um referencial, que Courtine (2009) concebe como o campo de emergência que determina suas leis de possibilidade. A segunda característica é a relação que o enunciado mantém com um sujeito, não necessariamente correspondente ao sujeito gramatical de primeira pessoa, visto que se trata de uma função vazia, podendo ser exercida por diferentes indivíduos, e um mesmo indivíduo pode ocupar diferentes posições em uma série de enunciados.

O enunciado é caracterizado também pela presença em um campo associado, formado de uma trama complexa de formulações no interior das quais constitui um elemento, pelas formulações às quais se refere, seja repetindo-as, modificando-as, adaptando-as ou se opondo a elas; pelas formulações a que dará origem, que podem vir após ele, e pelas formulações cujo *status* é compartilhado pelo enunciado em questão. É essa característica que possibilita a conservação de certas formas de enunciado e oferece possibilidade para discursos futuros.

A outra característica é que o enunciado tem uma existência material, caracterizada por uma coordenada de espaço e tempo na qual é realizado, e também pelo seu *status*. Se as características de lugar e data mudam, a própria identidade do enunciado se modifica. Para Foucault (2008), essas características asseguram que estaremos diante de diferentes enunciações cada vez que um enunciado é repetido, pois a enunciação é um acontecimento

irrepetível, enquanto que o enunciado é caracterizado por um *regime de materialidade repetível*.

Quanto à formação discursiva, Foucault (2008) a compreende como conjuntos de enunciados ligados entre si no nível enunciativo. Os enunciados têm a formação discursiva como uma lei de coexistência. Nas palavras do autor:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 2008, p. 43, grifos do autor).

Assim, a formação discursiva é a regularidade entre enunciados dispersos. São os enunciados que demarcam as fronteiras da FD. Além disso, Foucault (2008) aponta quatro direções em que a FD pode ser analisada, que correspondem a quatro domínios em que se exerce a função enunciativa: formação dos objetos, formação das posições subjetivas, formação dos conceitos e formação das escolhas estratégicas.

Trata-se de quatro regras de formação que determinam a inteireza do discurso: a primeira é a regra de *formação dos objetos*, que diz respeito à existência de um determinado objeto no discurso. Para encontrá-la, é preciso: delimitar as suas *superfícies de emergência*: onde surge para depois ser diferenciado; descrever as *instâncias de delimitação*, ou seja, as instâncias sociais autorizadas a falar dele e por fim analisar as *grades de especificação*, os sistemas pelos quais um mesmo objeto é separado, reagrupado e classificado nas diferentes instâncias que falam dele. Em nosso caso, interrogamo-nos sobre a emergência do objeto pobreza no discurso, a partir de uma postagem na rede social *Facebook*, que constitui sua superfície de emergência e também instância de delimitação. Interessa-nos também a forma como a pobreza é enunciada e classificada em relação a outros modos de enunciar esse mesmo objeto.

A regra de *formação das modalidades enunciativas* permite encontrar o lugar de onde vêm as formas de enunciados, o *status* do sujeito que enuncia, os lugares institucionais de onde o sujeito obtém o seu discurso e onde se legitima e encontra seu ponto de aplicação. Como veremos na postagem, o sujeito enuncia do lugar de cidadão que se solidariza com

sofrimento alheio, buscando não ser associado à imagem de um sujeito político, sinalizando que sua atitude não busca um retorno eleitoral.

A terceira é a regra de *formação dos conceitos*, que permite investigar as relações entre as famílias de conceitos, tais como as *formas de sucessão* e de *coexistência* dos enunciados. Para Foucault (2008a) a primeira tarefa na descrição do campo enunciativo em que aparecem e circulam os conceitos é a análise das diversas *disposições das séries enunciativas*, como estão organizados os conceitos que formam um objeto; depois, descrevem-se os *tipos de correlação* dos enunciados, o que possibilita ver a regularidade entre eles; por fim, descrevem-se os diversos *esquemas* retóricos segundo os quais se podem combinar grupos de enunciados.

Quanto à descrição das *formas de coexistência* entre os enunciados, esta ocorre pela análise do *campo de presença* constituído por enunciados já formulados e que são retomados como verdade suprema, discutidos, julgados, rejeitados ou excluídos; do *campo de concomitância*, constituído por enunciados referentes a domínios de objetos diferentes e pertencentes a tipos de discursos diferentes, mas que mantêm relação, seja para servir de modelo um para o outro, seja porque um é instância superior ao qual o outro está submetido; e do *domínio de memória*, constituído por enunciados que não são mais discutidos, mas em relação aos quais se estabelecem deslocamentos, continuidades ou descontinuidades. Essas questões nos interessam porque possibilitam verificar como enunciados já formulados são acionados em nossa memória discursiva no momento de análise da postagem que constitui nosso *corpus*.

A quarta é a regra de *formação das estratégias*, ou seja, a distribuição na história dos temas e teorias caracterizados por enunciados provenientes de certo domínio discursivo. Para encontra-la, Foucault (2008a) diz que se deve determinar: os *pontos de difração* possíveis do discurso, caracterizados como *pontos de incompatibilidade*, segundo o qual dois conceitos não podem aparecer em uma mesma formação discursiva sem que façam parte da mesma série de enunciados; os *pontos de equivalência*, que dizem respeito ao fato de que elementos incompatíveis são formados da mesma forma, com as mesmas regras, com as mesmas condições de aparecimento, e não constituem contradição, e sim alternativas; e os *pontos de ligação de uma sistematização*, que dizem respeito aos enunciados que possibilitam o aparecimento de uma série coerente de objetos, formas enunciativas, conceitos.

Tratemos agora da noção de memória discursiva. Para Pêcheux (1999, p. 50) a memória deve ser concebida “nos sentidos do entrecruzamento da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. É a memória discursiva que restabelece os implícitos de que a leitura de um texto, como acontecimento a ler, necessita. “A condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Para Davallon (1999, p. 29), a imagem é operadora de memória, pois tem a capacidade de colocar seu espectador num espaço de leitura e interpretação. Ela “comporta um programa de leitura”, assinalando um lugar ao espectador ou regulando os vários lugares ocupados no processo de recepção. Pêcheux (1999) acredita que esse percurso de leitura da imagem está inscrito discursivamente em outro lugar, o que faz dela algo como a recitação de um mito. Vale esclarecer que na AD a imagem não é legível em sua transparência, pois o discurso a atravessa e a constitui na opacidade, da qual a memória ‘perdeu’ o trajeto de leitura.

Da noção de memória discursiva, Courtine (2011) deriva o conceito de *intericonicidade*, o qual foi mobilizado no Brasil por Milanez (2006). Essa noção “supõe as relações das imagens exteriores ao sujeito como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma genealogia como o enunciado em uma rede de formulações, segundo Foucault” (COURTINE *apud* MILANEZ, 2006, p.168). Assim, toda imagem está inscrita em uma cultura visual, que deve ser posta em uma série no momento de análise. É essa operação que buscaremos fazer no tópico abaixo.

A remanência de um discurso sobre a pobreza

Ao observamos a imagem que segue no *Facebook*, somos instados a pensar em toda uma rede de memória que ela mobiliza. Na descontinuidade histórica, erigem-se determinados modos de enunciar a pobreza, ou mais exatamente de discursivizar o *homo sacer* ou a *vida nua*, para utilizarmos os termos de Aganbem (2002), os sujeitos desassistidos, marginalizados que, no decorrer do tempo, fazem borrar a aparente univocidade da narrativa histórica. Na visada foucaultiana, falaríamos de “*homens infames*” (FOUCAULT, 2006, p. 211), sujeitos cujas existências minúsculas vieram à tona a partir de lampejos do poder.

A escolha dessa imagem no cerne de uma dispersão enunciativa da rede digital deve-se, portanto, a imagens já vistas no interior de uma cultura visual, de uma arqueologia da

imagem. Conforme nos lembra Milanez (2015), essa memória da imagem funciona graças à repetição de imagens e de discursos sobre as imagens. Noutros termos, a produção de maciça de imagens acerca do nordestino e da seca na história brasileira dos últimos séculos é responsável por produzir esse domínio associado, no qual se entrecruzam as imagens de retirantes e correlatos e o efeito de denúncia social decorrente dessa circulação imagética. Nesse ínterim, analisemos a imagem a seguir:



A imagem em foco faz parte de uma postagem, com feições de denúncia, de um secretário de assistência social de uma cidade de médio porte do interior da Paraíba. Do lado de um texto verbal em que se encontram passagens como: “É de cortar o coração. Gente, esse é Messias e sua família. Eu o encontrei com a mulher e os cinco filhos morando no meio do mato, próximo a linha férrea...”, vemos duas fotografias da família, das quais selecionamos a imagem supracitada para ser objeto de análise. O olhar certeiro da câmera flagra o aspecto desolador dos sujeitos na cena, cuja rede de memória nos leva, por exemplo, a uma imagem cristalizada do nordestino, vítima da fome e das condições climáticas inóspitas, bem como do descaso do poder público. Esse enunciado imagético mobiliza, num domínio de memória, imagens já vistas incessantemente alhures, como na mídia, por exemplo, e em tantos outros suportes e materialidades diversas. É necessário atentar, portanto, para a postura estática dos membros da família representada na foto, a partir da qual podemos observar certa simetria e linearidade, uma dada organização na distribuição dos ‘atores’ na cena, o que funciona como

uma sintaxe da fotografia, ou seja, uma combinação que produz efeitos de sentido de uma pretensa disciplina dos corpos e das poses, a despeito do caos proveniente da situação social vivenciada.

O fio histórico que alinhava essa imagem a outras já vistas assinala um modo, em certa medida, documental de enunciar a pobreza. Lembremos, num rápido exercício genealógico, das conhecidas fotografias de Sebastião Salgado, cujos cliques assinalaram uma posição singular do sujeito pobre e moribundo, encarado, principalmente, como vítima de um regime excludente e desigual. Nos dizeres de Machado (2015, p.135): “são pessoas sem fisionomia, sem nada que as identifique ou as distinga uma das outras, sombras de indivíduos cuja identidade existiu em outra vida normal, segundos os ditames da sociedade”.

O olhar fugidio dos sujeitos, cujos cotidianos servem de ilustração para um quadro de debilidade e descaso, dá o tom a uma dada crítica social encetada pela postagem no *Facebook*. Na análise de Barthes (1984), temos nesse olhar o funcionamento do *punctum*, ou seja, o aspecto que nos chama a atenção na fotografia, a flecha certa que nos atinge e nos mortifica. Na perspectiva de Ginzburg (1990), esses aspectos da imagem constituem traços, índices, resíduos, a partir dos quais pensamos em determinadas regularidades da imagem, através de uma recorrência. A família unida, considerando os dissabores que enfrentam, nos remete a outras imagens de famílias pobres, aglomeradas em casebres rústicos, com roupas maltrapilhas, com fisionomias penosas e animaisca. Desse modo, ao consideramos essa imagem numa teia enunciativa, numa rede de outras formulações acerca desse objeto de discurso, somos levados, num regime canônico da pintura (MAZZOLA, 2014), a imagens artísticas de Cândido Portinari, conforme se observa no quadro a seguir esboçado.



A pintura de Portinari atualiza toda uma memória relativa à fome, à morte, ao sofrimento humano. Conforme analisa Ferreira (2012), toda a fragilidade desses seres abandonados à própria sorte é discursivizada neste quadro. Quando associamos, portanto, a fotografia da família necessitada que circulou na rede social já mencionada com a tela de Portinari, pensamos na possibilidade de os discursos, mais precisamente a imagem, tecerem uma relação com imagens prévias, já vistas e inscritas no cerne de uma cultura visual (COURTINE, 2013). A difusão intensa da pintura em foco, sob os mais diversos suportes (ilustração em livros por exemplo), assinala a remanência e a atualização desse discurso. Embora não possamos estabelecer uma relação termo a termo entre a fotografia e a pintura, mesmo porque a memória apresenta dissensões, conforme lembra-nos Pêcheux (1999), é

possível observar determinadas regularidades entre as duas imagens, mais especialmente no que tange ao exercício de uma função enunciativa que fala da pobreza como um modo de denunciar uma situação social de desigualdade. Tem-se, pois, nesse domínio de memória, a figura do flagelado, totalmente refém de um sistema social socialmente desfavorável. A pintura, em confluência com a fotografia, compõe uma rede enunciativa, inscrita na história, através dos fios da memória, através dos quais podemos fazer a correlação entre imagens aparentemente dispersas nas descontinuidades da história. Para isso, entendemos, na esteira de Foucault (2008), que a pintura é uma prática discursiva que tomo corpo em técnicas e efeitos.

Seguindo esse fio histórico, vejamos, no excerto a seguir, imagem do sertanejo corporificada nos interstícios do discurso literário. Trata-se de um trecho da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente cobria-se de cirros — e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano.

Pensou na família, sentiu fome. Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de Seu Tomás. Agora, deitado, apertava a barriga e batia os dentes. Que fim teria levado a bolandeira de seu Tomás? (RAMOS, 2008, p.16).

No trecho supracitado, a melancolia e a condição hostil de Fabiano, alinhadas às divagações do personagem acerca da fome que o assolava, coisificados ante o cenário de flagelo (“cavou a areia com as unhas”, “achou no bebedouro dos animais um pouco de lama”), encadeiam-se às formulações sobre a pobreza, que tece uma rede enunciativa em torno desse objeto de discurso. A dificuldade de acesso a condições mínimas de existência acaba por objetivar esses sujeitos como representantes de uma fatia social aviltada de direitos básicos, sendo encarados, pois, como animais, inumanos, movendo-se como “coisas”.

Num campo de presença, conforme defende Foucault (2008), esses enunciados coadunam-se à construção de um lugar de fala para enunciar acerca da pobreza. Ao pensarmos, a partir dos pressupostos foucaultianos, acerca da aparição de um dado enunciado e não de outro em seu lugar, é preciso salientar que a escolha por esse trecho da

obra *Vidas Secas*, bem como pela seleção dessa obra e não de outra, deve-se ao fato de esta, por meio do que Foucault (2008) denomina de acúmulo, ou seja de uma certa produção de enunciados que se regulariza no decorrer do tempo, o que supõe, nos termos de Foucault (2008), “arrancar o discurso passado de sua inércia e reencontrar, num momento, algo de sua vivacidade perdida”. As imagens do nordestino, cristalizadas por meio da obra de Graciliano Ramos, em consonância com as adaptações do campo teatral e cinematográfico, são resultantes de uma posição, demarcada por certa fixidez, a respeito da enunciação da pobreza, mais especificamente da seca.

Em suma, a imagem da postagem inscreve-se em um campo de formulações sobre a pobreza dos sujeitos marginalizados do sertão nordestino. As modalidades enunciativas determinadas para tal sujeito colocam-no em um lugar de necessitado. Para tanto, há um conjunto de estratégias discursivas presentes em formulações anteriores que são acionadas, tais como: a reunião da família, com as crianças em volta dos pais (tanto na imagem do *Facebook*, como na pintura de Portinari e na imagem oriunda das reminiscências de Fabiano), o ambiente árido que cerca os sujeitos, visto como um elemento constitutivo de sua condição de desfavorecido, as vestimentas encardidas em seus corpos, os utensílios domésticos, dentre outros aspectos, ou índices, conforme destacam as investigações de Ginzburg (1990).

Comentários Finais

Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incircunscritáveis (sic) (Carolina Maria de Jesus).

Num artigo de Courtine (2006), publicado num periódico brasileiro, o autor insinua: *A linguagem é o tecido da memória*. Essa assertiva serve para corroborar o escopo estabelecido para este escrito, na medida em que objetivamos apreender o funcionamento da memória numa imagem que circulou numa rede social, cujos sentidos engatam-se a um modo específico de falar da pobreza. Frente às reflexões de autores como Foucault, Courtine e Pêcheux, visamos, a partir da análise discursiva dessa materialidade, esmiuçar uma trama enunciativa, da qual advêm a memória, a história e o sujeito.

Por meio da intericonicidade, a imagem analisada fez-nos, num efeito retroativo, volver nosso olhar para a história, em busca de séries discursivas que assinalam um lugar para o

sujeito marginalizado, mais precisamente a representação do sertanejo flagelado, afetado por condições sociais e econômicas ultrajantes. Esses sujeitos infames, representados no interior de determinadas práticas discursivas, são dados a ver a partir do movimento da memória, responsável por atualizar e ressignificar os dizeres nas discontinuidades da história. No entanto, é necessário ressaltar, a partir de Milanez (2015), que o lugar de posição de nosso olhar é o responsável por construir o sentido do objeto.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O homo sacer*. O poder soberano e a vida nua. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte : Editora da UFMG, 2002.

BARTHES, R. *A câmera clara: notas sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

COURTINE, J. J. O tecido da memória: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem, *Polifonia*, Cuiabá, v.12, n.2, 2006, p.1-13. Disponível em: <<http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/268.pdf>>. Acesso em: 15. maio. 2015.

_____. *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

_____. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. Entrevista concedida a Vanice Sargentini, Carlos Piovezani e Luzmara Curcino. Trad. Carlos Piovezani. In PIOVEZANI FILHO, C.; CURSINO, L.; SARGENTINI, V. M. O. *Discurso, semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 145-162.

_____. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, P. [et al.]. *Papel da Memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 23-37.

FERREIRA, M. C. L. Memória discursiva em funcionamento. In: ROMÃO, L. M. S.; CORREA, F. S. (Orgs.). *Conceitos discursivos em rede*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 141-152.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. A vida dos homens infames. In: _____. *Estratégia, Poder-Saber*. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (Ditos & Escritos IV), p.203-222.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

JESUS, C. M. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Abril, 2013.

MACHADO, I. L. Narrativa de vida e construção de identidade. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Orgs.). *Discurso e (des) igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 129-142.

MAZZOLA, R. B. *Discurso e imagem*: transformação do cânone visual nas mídias digitais. 2014. 154 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2014.

MILANEZ, N. *As aventuras do corpo*: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa. 2006. 210 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2006.

MILANEZ, N. Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição de discursos de imagens, *Acta Scientiarum: Language and Culture*, Maringá, v.37, n.2, 2015, p.197-206. Disponível em: http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/26295/pdf_75. Acesso em: 08. out. 2015.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. [et al.]. *Papel da Memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999, p.49-57.

RAMOS, G. *Vidas secas*. 107. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RICOEUR, P. *Memória, história e esquecimento*. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia>. Acesso em: 11. jun. 2015.

Recebido em 1º de julho de 2015

Aceite em 6 de outubro de 2015

Como citar este artigo:

SILVA, Francisco Vieira da; SOUSA, Claudemir. "Lampejos de memória na trama da história: Sobre um certo modo de enunciar a pobreza." **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p.398-410. Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/estudos/Palimpsesto21estudos04.pdf> >. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.